O DESEMPENHO DA ECONOMIA PARANAENSE EM 2018

*Daniel Nojima**

Após um encerramento de 2017 que apontava perspectivas promissoras para o ano vindouro, os primeiros resultados do IBGE para o produto interno bruto (PIB) brasileiro em 2018 demonstraram que a reação econômica então observada tinha forte assento no desempenho recorde da agropecuária daquele ano (240 milhões de toneladas em grãos), ao mesmo tempo em que indicaram que a recuperação dos padrões de consumo – dada por indicadores positivos nos setores de comércio e serviços e mesmo em alguns ramos da indústria de transformação – seria de fôlego menor. Em termos dessazonalizados, o PIB alcançou irrisórias taxas de crescimento de 0,1% e 0,2%, respectivamente, no primeiro e segundo trimestres do ano.

Apesar de certa frustração com o ritmo menos intenso de retomada, a economia revelou razoável expansão do consumo, auxiliada por inflação mais baixa e por juros básicos menores, e mesmo dos investimentos, tendo ambos os agregados expandido respectivamente em 2,3% e 3,6% no acumulado do primeiro semestre de 2018.

Para além da metade do ano, indicadores parciais e alternativos vieram confirmando trajetória mais gradual de recuperação, a exemplo do Banco Central, que revela durante o período taxas do Índice de Atividade Econômica (IBC-Br) em crescimento e que em termos acumulados até setembro registra expansão de 1,1%. Ao mesmo tempo, indicam que a economia nacional deve encerrar o ano com expansão inferior a 1,5%.

Em medida importante, esse ritmo de crescimento econômico deriva da progressiva, porém lenta, retomada do mercado de trabalho, o qual, conforme a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD-C), registrou taxa de desocupação em 11,9% da força de trabalho no terceiro trimestre do ano – percentual significativamente abaixo dos 13,7% alçados no auge da crise no primeiro trimestre de 2016, contudo ainda elevado.

Além disso, uma retomada mais expressiva de investimentos veio sendo desfavorecida pela manutenção de quadro político-institucional conturbado (incluindo o advento da greve dos caminhoneiros no mês de maio), e fundamentalmente pela periclitante situação fiscal do setor público (com destaque à União e unidades federadas), principal constrangimento às expectativas ao investimento e ao crescimento da economia brasileira.

Em que pesem os esforços envidados para sua redução, o déficit primário do governo federal mantém-se em patamares substancialmente elevados, devendo fechar 2018 em R$ 159 bilhões (quinto ano seguido de resultado negativo) segundo projeções da Secretaria do Tesouro Nacional (STN). Em medida importante, esse número descende dos gastos previdenciários, nos quais, além dos déficits dos regimes de servidores vinculados à União, o Regime Geral da Previdência Social deve completar o ano com déficit de R$ 201,6 bilhões, conforme projeto de lei orçamentária anual de 2019 do Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão. Ressalte-se aí o caráter explosivo dessa conta nos últimos anos, que, em termos reais, conforme a STN, sai de R$ 64,6 bilhões para R$ 157 bilhões, respectivamente, nos acumulados de janeiro a setembro de 2015 e de 2018, o que pôs em xeque a solvência do Estado brasileiro no médio prazo.

Em meio a esse quadro, os investimentos ainda estão longe de uma dinâmica mais forte. Apesar da taxa de crescimento acumulada no ano de 3,6%, supramencionada, sua participação insiste em inexpressivos 16,0% do produto nacional, limitando o crescimento de médio prazo da economia brasileira – e que deve ocorrer, ainda, pelo aproveitamento de elevada ociosidade.

* Economista, diretor do Centro de Pesquisa do IPARDES.

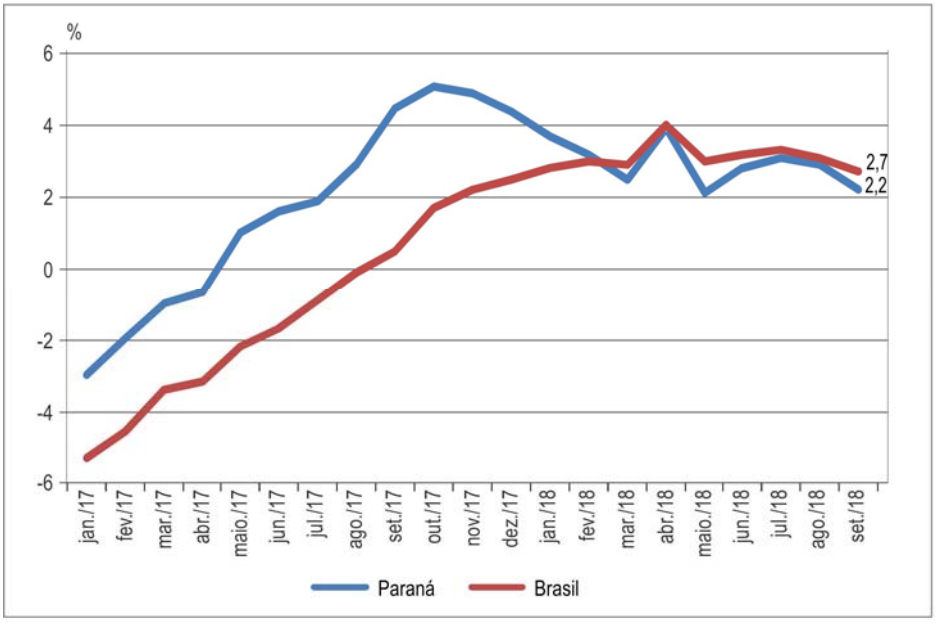
Por sua vez, a trajetória da produção e da renda registrada pelo Paraná no ano passado foi marcada pela reversão das tendências de recuperação formadas no ano anterior quando cresceu 2,5% – de forma semelhante à observada no contexto nacional, em que expectativas de retomada de crescimento mais vigoroso foram frustradas.

A lista de elementos desse cenário principia pelo declínio da performance agropecuária, cuja safra anterior alcançou recordes históricos (41,5 milhões de toneladas ao todo), principalmente em função da elevada produtividade propiciada pelo clima adequado na fase de plantio. A não repetição dessas condições acarretou produção da safra de grãos 15,1% inferior em 2018 – com destaque à menor produção de milho, basicamente na safra de inverno, e à de feijão. Ressalte-se que, mesmo inferior, a safra de 2018, com 35,3 milhões de toneladas, figura como a segunda maior alcançada pelo Estado, em toda a sua história.

Por sua vez, a indústria de transformação do Estado sofreu com a desaceleração das exportações e em específico do mercado argentino, cuja recessão impactou negativamente as vendas e a produção paranaenses de automóveis. Esse mesmo setor externo impôs, também, reversão de vendas externas do complexo de carnes, que, em função de embargos internacionais oriundos da Operação Trapaça (derivação da Operação Carne Fraca) pela Polícia Federal, recuaram 6,4% no acumulado até outubro com relação ao mesmo período do ano anterior. Contribuiu ainda para o descenso a greve dos caminhoneiros, em maio, que desarticulou cadeias produtivas importantes no Estado, como a da própria indústria alimentar e a indústria automotiva, durante intervalo de pelo menos dois meses.

Mesmo com todos esses eventos, a indústria de transformação e extrativa paranaense manteve razoável ritmo de crescimento observado desde 2016 e ampliou sua produção em 2,2% até setembro, tendo por principais ramos o de veículos automotores, com 2,1%, e a petroquímica, com 1,79%, no mesmo comparativo. Nesse intervalo, a indústria alimentar sofreu reveses, conforme mencionado, afetando sobretudo o ramo de carnes, de modo que a mesma decaiu em 8,7%.

GRÁFICO 1 - TAXA DE CRESCIMENTO ANUALIZADO (%) DE PRODUÇÃO FÍSICA DA INDÚSTRIA EXTRATIVA E DE TRANSFORMAÇÃO - PARANÁ E BRASIL - 2017-2018



FONTE: IBGE

Entretanto, parcela expressiva do recuo econômico resulta do arrefecimento do setor de serviços, o qual participa substancialmente da agregação de valor, em algo em torno de 50,0% do PIB. Conforme a Pesquisa Mensal de Serviços (PMS), do IBGE, esse setor no Paraná, em total contraposição ao registrado em 2016, acumula queda de 2,4% até setembro, no qual sobressai o fraco desempenho de serviços prestados às famílias, serviços

de informação e comunicação e serviços técnico-profissionais (tabela 1). Esse perfil revela em parte uma queda de caráter estrutural (em todo o País) associada à mudança no uso de serviços de comunicação (dadas pela crescente adoção de tecnologias de comunicação baseadas em *internet*), como, por outro lado, recuo em serviços mais diretamente ligados ao setor produtivo (caso de serviços técnico-profissionais), apontando, neste caso, para o caráter ainda setorizado da recuperação econômica em curso.

TABELA 1 - TAXAS DE CRESCIMENTO POR ATIVIDADES - PARANÁ - 2017-2018

ATIVIDADES	PERÍODO (%)		
	2017	2018	
		Acumulado em 12 meses (até setembro)	Acumulado no ano (até setembro)
Indústria	4,4	2,2	2,2
Comércio varejista	4,0	2,4	1,8
Comércio varejista ampliado(1)	4,7	4,2	3,0
Serviços	5,0	-0,1	-2,4
Serviços prestados às famílias	17,9	2,1	-3,7
Serviços de informação e comunicação	-5,6	-6,8	-7,3
Serviços profissionais, administrativos e complementares	4,6	-3,7	-7,0
Transportes, serviços auxiliares aos correios	14,9	5,3	1,9
Outros serviços	-13,3	-0,7	7,9

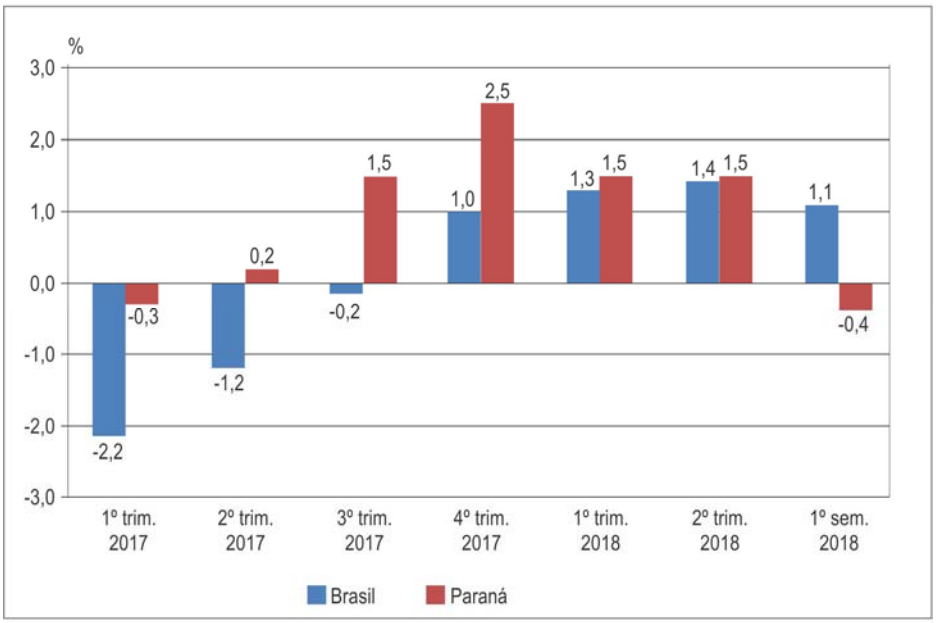
FONTE: IBGE

(1) Inclui vendas de veículos, motocicletas, partes e peças e de materiais de construção.

Por tudo isso, o produto interno bruto (PIB) paranaense acusou expressiva desaceleração comparativamente a 2017, registrando retração de -0,4% acumulado até o segundo trimestre, conforme o gráfico 2.

A par disso, seu mercado de trabalho ainda descreve trajetória de lenta recuperação, com a taxa de desocupação alcançando, no terceiro trimestre do ano passado, 8,6% de sua força de trabalho, conforme a PNAD-C. Mesmo assim, ainda por essa fonte, comportou-se de modo mais favorável na medida em que registrou ganhos progressivos no volume de ocupações e de massa de rendimentos ao longo dos três primeiros trimestres do ano. No primeiro caso, o Paraná obteve, para o terceiro trimestre do ano, ascensão do pessoal ocupado em 1,9% com relação ao terceiro trimestre de 2016, ano mais crítico para o mercado de trabalho no período da crise econômica. Por sua vez, os dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED) do Ministério do Trabalho e Emprego vêm sendo mais significativos quanto a uma recuperação, de modo que no período acumulado janeiro a outubro o saldo de emprego cresceu em 90,0% comparativamente ao observado no ano anterior no mesmo período (de 31,3 mil para 59,5 mil novos empregos gerados no Estado).

GRÁFICO 2 - TAXAS DE CRESCIMENTO DO PIB - BRASIL E PARANÁ - 2017-2018



FONTES: IBGE, IPARDES

Em parte por essas condições, o comércio varejista no conceito ampliado do IBGE tem mantido razoável desempenho, após ter crescido 4,7% em 2017, com vendas tendo ampliado 3,0% no acumulado até setembro de 2018.

Ainda, pode estar favorecendo os resultados do comércio, que registra taxas anualizadas superiores a 4,0% em setembro no conceito ampliado, segundo a tabela 2, a melhoria das condições de crédito das famílias, inclusive quando comparadas às observadas em âmbito nacional. Além da ampliação de contratação de crédito, há o sensível declínio da inadimplência vindo a contribuir para a recuperação progressiva dos gastos das famílias.

TABELA 2 - INDICADORES DE CRÉDITO E INADIMPLÊNCIA - BRASIL E PARANÁ - 2017-2018

TRIMESTRE	PERCENTUAL DO SALDO DE CRÉDITO A PESSOA FÍSICA COM RELAÇÃO AO PIB(1)		PERCENTUAL DE INADIMPLÊNCIA DE PESSOA FÍSICA(1)	
	Brasil(1)	Paraná	Brasil(1)	Paraná(1)
1.º trim. 2017	24,8	29,9	4,0	2,8
2.º trim. 2017	24,8	29,8	3,9	2,7
3.º trim. 2017	24,9	30,1	3,7	2,7
4.º trim. 2017	25,1	30,5	3,7	2,6
1.º trim. 2018	25,2	31,0	3,7	2,6
2.º trim. 2018	25,3	30,2	3,6	2,5
3.º trim. 2018	25,4	...	3,5	2,4

FONTES: Banco Central do Brasil, IPARDES

NOTA: Sinal convencional utilizado:

... Dado não disponível.

(1) Médias simples de três meses.

Mesmo que para o período em análise não tenha se refletido em melhorias da atividade econômica, conforme acima apurado, a continuidade de condições benignas do mercado de trabalho e do crédito pode ser importante para uma recuperação do produto em 2019 a partir de ampliação dos padrões de consumo, de modo a permitir extensão do desempenho positivo em ramos como o do comércio varejista e um novo impulso a outros ramos do setor de serviços, a exemplo dos serviços prestados às famílias.